

PEDAGOGIA HOSPITALAR: AS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM DIFERENTES CONTEXTOS ESCOLARES E SEUS DESAFIOS

HOSPITAL PEDAGOGY: THE POSSIBILITIES OF THE PEDAGOGUE'S WORK IN DIFFERENT SCHOOL CONTEXTS AND ITS CHALLENGES

PEDAGOGÍA HOSPITALARIA: LAS POSIBILIDADES DE ACTUACIÓN DEL PEDAGOGO EN DIFERENTES CONTEXTOS ESCOLARES Y SUS DESAFÍOS

Valéria Lima¹
Maraiz Oliveira²
Jucimara Bandeira³

Resumo

Este artigo trata da Pedagogia Hospitalar e dos diferentes contextos escolares em que o pedagogo pode atuar. Ao pesquisar sobre o tema, percebeu-se a importância do vínculo entre aluno e pedagogo no processo de ensino-aprendizagem e na humanização, elementos essenciais para uma atuação qualificada em contextos diversos. A pesquisa parte do pressuposto de que a educação é um direito assegurado a todas as crianças e adolescentes, assim como a saúde. Dessa forma, o artigo propõe uma discussão sobre a integração entre saúde e educação no ambiente hospitalar, com o objetivo de evidenciar a relevância dessa articulação e os desafios enfrentados pelo pedagogo. A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, realizada por meio de leituras sistemáticas e análise de textos diversos encontrados em portais como SciELO e Google Acadêmico, com o intuito de compreender melhor os desafios enfrentados por profissionais da educação em contextos hospitalares. É importante ressaltar que o trabalho pedagógico é fundamental dentro dos hospitais, pois ali se encontram crianças e adolescentes privados do direito de frequentar a escola regular, em razão de tratamentos prolongados. Para que haja um trabalho de qualidade, capaz de suprir as necessidades do educando, é necessário que o profissional esteja preparado e qualificado para enfrentar, de forma responsável, todas as diversidades encontradas. Trata-se de um trabalho de suma importância, pois, ao ocupar esse espaço, o pedagogo contribui para uma educação mais humanizada.

Palavras-chave: pedagogia hospitalar; desafios pedagógicos; humanização.

Abstract

This article addresses Hospital Pedagogy and the different school contexts in which the pedagogue can work. Research on the subject revealed the importance of the bond between student and pedagogue in the teaching-learning process and in humanization, essential elements for qualified performance in diverse contexts. The study assumes that education is a guaranteed right to all children and adolescents, just as health is. Thus, the article proposes a discussion on the integration between health and education in the hospital environment, aiming to highlight the relevance of this articulation and the challenges faced by the pedagogue. The methodology used in this study was bibliographic research, carried out through systematic readings and analysis of various texts found in portals such as SciELO and Google Scholar, to better understand the challenges faced by education professionals in hospital contexts. It is important to emphasize that pedagogical work is fundamental within hospitals, since children and adolescents undergoing prolonged treatments are deprived of the right to attend regular school. For quality work that meets the needs of the student, the professional must be prepared and qualified to responsibly face all the diversities encountered. This is a work of great importance, as by occupying this space, the pedagogue contributes to a more humanized education.

Keywords: hospital pedagogy; pedagogical challenges; humanization.

¹ Licenciada em Pedagogia no Centro Universitário Internacional - Uninter.

² Licenciada em Pedagogia no Centro Universitário Internacional - Uninter.

³ Professora no Centro Universitário Internacional - Uninter

Resumen

Este artículo aborda la Pedagogía Hospitalaria y los diferentes contextos escolares en los que el pedagogo puede actuar. Al investigar sobre el tema, se percibió la importancia del vínculo entre alumno y pedagogo en el proceso de enseñanza-aprendizaje y en la humanización, elementos esenciales para una actuación cualificada en contextos diversos. La investigación parte del supuesto de que la educación es un derecho garantizado a todos los niños y adolescentes, al igual que la salud. De esta manera, el artículo propone una discusión sobre la integración entre salud y educación en el ámbito hospitalario, con el objetivo de evidenciar la relevancia de esta articulación y los desafíos enfrentados por el pedagogo. La metodología utilizada en este estudio fue la investigación bibliográfica, realizada mediante lecturas sistemáticas y análisis de diversos textos encontrados en portales como SciELO y Google Académico, con el fin de comprender mejor los desafíos enfrentados por los profesionales de la educación en contextos hospitalarios. Es importante resaltar que el trabajo pedagógico es fundamental dentro de los hospitales, pues allí se encuentran niños y adolescentes privados del derecho de asistir a la escuela regular debido a tratamientos prolongados. Para que exista un trabajo de calidad, capaz de suplir las necesidades del educando, es necesario que el profesional esté preparado y cualificado para enfrentar, de manera responsable, todas las diversidades encontradas. Se trata de un trabajo de suma importancia, ya que al ocupar este espacio, el pedagogo contribuye a una educación más humanizada.

Palabras clave: pedagogía hospitalaria; desafíos pedagógicos; humanización.

1 Introdução

O papel do pedagogo não se limita às quatro paredes de uma sala de aula em uma escola com professor, coordenador e diretor. Ao contrário, sua atuação se estende a diversos outros espaços, sejam eles públicos ou privados.

Atualmente, o mercado de trabalho se abre para o pedagogo com possibilidades de inserção profissional em áreas que demandam conhecimentos pedagógicos, como hospitais, empresas, editoras, ONGs, presídios, entre outros. Sua atuação em espaços não escolares ocorre em ambientes onde há interação entre indivíduos, troca de saberes e compartilhamento de experiências, sendo seu papel o de articulador de conhecimentos, motivador e facilitador da aprendizagem onde houver pessoas dispostas a aprender.

A temática deste trabalho propõe uma reflexão sobre a atuação pedagógica no âmbito hospitalar, visando à continuidade do aprendizado da criança hospitalizada no processo de ensino-aprendizagem e à potencialização de novos caminhos para uma aprendizagem efetiva.

O trabalho do pedagogo se articula com o de outros profissionais, promovendo um olhar multidisciplinar voltado ao desenvolvimento e à qualidade de vida dos indivíduos atendidos nas instituições. Diante desse novo cenário educacional, a atuação do pedagogo transcende os espaços escolares formais, alcançando diferentes segmentos e contribuindo com seus saberes para momentos de reflexão e aprendizagem em contextos diversos.

O objetivo geral deste trabalho é abordar a importância e os desafios do trabalho pedagógico no ambiente hospitalar. Os objetivos específicos são: analisar a relevância da atuação pedagógica em hospitais, compreender o papel do profissional nesse contexto e

investigar os desafios enfrentados por ele em um ambiente distinto do escolar. Ainda que os desafios sejam significativos, e considerando a importância de uma visão humanizada, faz-se necessário um novo olhar sobre o aluno como sujeito histórico de direitos. A partir desse pressuposto, é possível pensar e efetivar aprendizagens significativas no contexto da Pedagogia Hospitalar.

2 Metodologia

Metodologicamente, este estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa bibliográfica. Segundo Galvão (2011, p. 02), “realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de evitar a duplicação de pesquisas”. Nesse sentido, a escolha por essa abordagem buscou compreender a totalidade do fenômeno, considerando seu contexto e a relação dos sujeitos envolvidos no processo.

O estudo também adota métodos qualitativos, uma vez que se baseou na investigação de livros físicos e digitais, bem como em artigos científicos consultados em portais acadêmicos como SciELO e Google Acadêmico. As palavras-chave mais utilizadas na pesquisa foram: pedagogia hospitalar, espaço não escolar, humanização, saúde e formação de professores. Além disso, foram realizadas leituras sistemáticas, resumos e fichamentos com o objetivo de sistematizar melhor a integração entre as questões hospitalares e educacionais.

De acordo com Malhotra (2005), a pesquisa qualitativa busca compreender o problema a partir de poucas ideias previamente concebidas. Dessa forma, os resultados obtidos podem divergir das expectativas iniciais do pesquisador, revelando novas perspectivas e compreensões sobre o objeto de estudo.

3 Uma breve abordagem da pedagogia

O curso de Pedagogia está regulamentado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2006), que têm como objetivo a formação do pedagogo para atuar em diferentes ambientes, sejam eles escolares ou não, tendo a docência como seu principal eixo formativo. Essa formação contempla não apenas o domínio dos conteúdos escolares, mas também o desenvolvimento de competências para lidar com a diversidade, a inclusão, a gestão educacional e a mediação de processos de aprendizagem em múltiplos contextos.

O profissional licenciado em Pedagogia pode exercer funções no magistério da Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e em outras áreas que envolvam o

conhecimento pedagógico, como coordenação pedagógica, orientação educacional, produção de materiais didáticos, atuação em espaços não escolares (como hospitais, ONGs, empresas, instituições culturais) e em projetos de formação continuada de professores.

Há, de fato, uma tradição na história da formação de professores no Brasil segundo a qual o pedagogo é aquele que ensina. Essa concepção se consolidou no início da década de 1930, com a influência dos chamados “pioneiros da educação nova”, que entendiam o curso de Pedagogia como voltado à formação de professores para as séries iniciais da escolarização obrigatória. O raciocínio é simples: educação e ensino dizem respeito às crianças (inclusive porque “peda”, do termo pedagogia, vem do grego “paidós”, que significa criança). Assim, quem ensina crianças é pedagogo, e para ser pedagogo é necessário cursar Pedagogia. Essa ideia permanece viva na experiência brasileira de formação docente. Aliás, se aceitarmos esse raciocínio, não se compreende por que os cursos de licenciatura não receberam também a denominação de cursos de Pedagogia (Libâneo, 2001, p. 6).

No entanto, com o avanço das discussões sobre educação inclusiva, direitos humanos, diversidade e políticas públicas, o papel do pedagogo passou a ser compreendido de forma mais ampla. O profissional licenciado, professor/pedagogo, deve assumir uma prática mediadora, com uma perspectiva dialógica e afetiva, trabalhando os conteúdos escolares e compreendendo o estudante como um ser integral. Dessa forma, é essencial respeitar e conhecer o aluno em sua totalidade, considerando suas dimensões cognitivas, emocionais, sociais e culturais.

A educação precisa ser pautada por um olhar humanizado, ensinando o estudante a pensar e a expressar suas ideias e sentimentos. Como afirma Freire (1987, p. 93):

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Para que haja uma aprendizagem significativa, é necessário o uso de metodologias adequadas, que permitam a troca de informações entre docente e educando, fazendo com que esse deixe de ser um agente passivo e se torne protagonista do processo de aprendizagem. Assim, os alunos são capazes de assimilar e desenvolver seu próprio aprendizado por meio de abordagens baseadas na resolução de problemas que envolvem seu contexto social e a realidade do mundo.

Segundo Libâneo (2001, p. 3), “um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos é a ampliação do conceito de educação e a diversificação das atividades educativas, levando, por consequência, a uma diversificação da ação pedagógica na sociedade”.

A Pedagogia, constituída por conhecimentos científicos, técnico-profissionais e filosóficos, estuda o contexto educacional em constante transformação, buscando explicar os

processos organizacionais e propor intervenções metodológicas que associem saberes e conhecimentos. Para Libâneo (2001, p. 6):

Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas.

Nesse sentido, a atuação do pedagogo em espaços não escolares, como hospitais, empresas, instituições culturais e sociais, representa uma ampliação significativa do campo de trabalho e da responsabilidade social da profissão. O pedagogo, ao ocupar diferentes espaços sociais, contribui para a construção de uma educação que ultrapassa os limites físicos da escola, alcançando sujeitos em situações diversas, como crianças hospitalizadas, jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, adultos em processos de alfabetização, entre outros.

Essa atuação é emergente e necessária, especialmente no contexto hospitalar, em que se evidenciam muitos desafios no trabalho pedagógico. O pedagogo, nesse espaço, precisa articular saberes pedagógicos com conhecimentos sobre saúde, desenvolvimento humano, afetividade e direitos da criança e do adolescente. Sua presença no ambiente hospitalar representa não apenas a garantia do direito à educação, mas também a possibilidade de humanização do cuidado, de escuta sensível e de continuidade dos vínculos escolares e sociais.

Portanto, a formação do pedagogo deve ser pensada de forma crítica e ampliada, considerando as múltiplas possibilidades de atuação e os diferentes contextos em que a educação se realiza. A Pedagogia, como campo de conhecimento e prática, precisa estar atenta às transformações sociais e às demandas emergentes, reafirmando seu compromisso com a formação de sujeitos autônomos, críticos e participativos, em todos os espaços onde a vida acontece.

4 A importância da pedagogia hospitalar

Segundo Matos e Mugiatti (2006), os estudos e pesquisas sobre o tema da Pedagogia Hospitalar são relativamente recentes. Embora tenha sido, por muito tempo, um campo pouco explorado, a temática ganhou maior visibilidade a partir de 1988, consolidando-se com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Considerando que a educação é um direito fundamental assegurado a todos os cidadãos — e um dever do Estado e da família —, conforme previsto no Art. 205 da Constituição Federal de 1988, entende-se que ela deve ser garantida tanto em ambientes escolares quanto não escolares. Assim, é dever do Estado atender o aluno que se encontra fora da escola por motivos de saúde.

Em 17 de outubro de 1995, por meio da Resolução nº 41 do CONANDA, o Ministério da Justiça e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente aprovaram o texto publicado pela Sociedade Brasileira de Pediatria, que defende o atendimento qualificado ao escolar hospitalizado. Entre os direitos assegurados, destacam-se:

Direito à proteção, à vida e à saúde, com absoluta prioridade e sem qualquer forma de discriminação. Direito a ser hospitalizado quando for necessário ao seu tratamento, sem distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa. Direito de não ser ou permanecer hospitalizado desnecessariamente por qualquer razão alheia ao melhor tratamento de sua enfermidade. Direito a ser acompanhado por sua mãe, pai ou responsável durante todo o período de sua hospitalização, bem como receber visitas. Direito de não ser separado de sua mãe ao nascer. Direito de receber aleitamento materno sem restrições. Direito de não sentir dor, quando existam meios para evitá-la (Brasil, 1995, p. 01).

O atendimento escolar não pode ser negado a nenhuma criança, mesmo que esteja hospitalizada ou acamada. Como afirmam Matos e Mugiatti (2006, p. 48) “A inclusão é um processo de adequação dos sistemas sociais às necessidades das pessoas para que elas, uma vez neles incluídas, possam desenvolver-se e exercer plenamente a sua cidadania”. Portanto, independentemente do grau de dificuldade de acesso, esse é um direito que não pode ser negado. É necessário adequar-se e planejar ações para que a criança seja acolhida e usufrua plenamente de seus direitos.

A educação em diferentes contextos permite a construção do conhecimento de forma significativa e integradora, mesmo fora da instituição de ensino. A classe hospitalar é uma modalidade de ensino que oferece ao estudante a vivência escolar, possibilitando seu retorno à escola de origem sem prejuízos, com a finalidade de garantir a continuidade do aprendizado. Nesse sentido:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (Brasil, 2002).

Ou seja, a Pedagogia Hospitalar assegura o: “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar” (Brasil, 1995, p. 59).

Dessa forma, o atendimento pedagógico-educacional hospitalar é um direito garantido por lei, que assegura ao estudante da educação básica o acompanhamento escolar durante o período de internação. A relação professor-aluno é de extrema importância nesse processo, pois o professor atua como elo entre a criança, sua família, a escola de origem e a realidade hospitalar.

5 A atuação do pedagogo em hospitais

Tão importante quanto as relações estabelecidas dentro do hospital é a relação do pedagogo com a escola na qual o estudante hospitalizado está matriculado. É fundamental que haja uma inter-relação entre as atividades propostas pela escola e aquelas desenvolvidas no contexto da escolarização hospitalar. Como destaca o documento oficial:

Cumpra às classes hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica, e que se encontram impossibilitados de frequentar a escola, temporária ou permanentemente. Deve-se garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral (Brasil, 2002, p. 13).

Matos e Mugiatti (2006) explicam que a atuação do pedagogo deve ser **multi/inter/transdisciplinar**:

- **Multidisciplinar**, pelas diversas possibilidades de aprendizagem que o ambiente hospitalar oferece;
- **Interdisciplinar**, pela integração entre os profissionais em torno de um objetivo comum;
- **Transdisciplinar**, por envolver aspectos que vão além do biológico e físico, abrangendo a humanização e um olhar sensível e dedicado.

A educação hospitalar precisa estar vinculada ao contexto do estudante, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Nesse sentido, Verdi (2009, p. 168) afirma: “A Pedagogia Hospitalar busca levar a criança a compreender seu cotidiano hospitalar, de forma que esse conhecimento lhe traga certo conforto emocional, ajudando-a a interagir com o meio de forma mais participativa”.

A visão pedagógica é inseparável da visão educativa, pois todo movimento de pensamento e ação está ligado ao cognitivo e à afetividade. O afeto incentiva o aluno a realizar atividades com mais desenvoltura. Como afirma Ferreira (1999, p. 62): “O afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista”.

Para que o trabalho do pedagogo seja efetivo, é necessário que o afeto esteja presente em suas ações. O comprometimento com o educando durante e após o tratamento é essencial, incluindo a preocupação com sua reinserção e continuidade na formação escolar. No ambiente hospitalar, a criança vive um processo de privação das atividades de rotina, o que exige ainda

mais sensibilidade do profissional. Almeida (1999, p. 107) reforça: “[...] a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”.

Nesse contexto, o pedagogo deve adotar uma abordagem centrada no educando, refletindo sobre suas práticas educativas, utilizando linguagem acessível e adaptando os conteúdos à realidade hospitalar. É fundamental que o estudante tenha autonomia na construção do conhecimento, não sendo apenas um receptor passivo.

No ambiente hospitalar, cabe ao pedagogo criar estratégias que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem, contextualizando-o com o desenvolvimento e as experiências vividas pelos estudantes. Para isso, o profissional precisa estar capacitado para lidar com as subjetividades das crianças, demonstrando sensibilidade e flexibilidade para atuar com planos e programas abertos, adaptáveis e constantemente reorientados conforme a situação específica de cada aluno. Como destaca Fonseca (2003, p. 26 *apud* Lacerda, 2015, p. 3): “O professor precisa ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar”.

A relação afetiva é um dos principais meios para compreender o processo de aprendizagem e motivar o aluno. A construção do conhecimento ocorre por meio da troca de experiências e da emoção, possibilitando novas formas de agir e pensar. Nesse sentido, a afetividade é o elo entre professor, conhecimento e aluno, sendo essencial para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Como afirmam Krueger (2003, p. 4 *apud* Bondi; Santos, 2017, p. 2):

[...] a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações psicossomáticas básicas, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

O comportamento do professor durante a mediação pode influenciar diretamente nas atitudes do aluno e em sua motivação para aprender. Assim, a prática pedagógica, quando vinculada à afetividade, torna-se uma aliada no processo de aprendizagem e no desenvolvimento integral do educando. Almeida (2010, p. 26) complementa:

O conjunto da afetividade oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão. Afetividade refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo interno e externo, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis e desagradáveis.

A atuação do pedagogo no ambiente hospitalar está alinhada ao que afirmam Matos e Mugiatti (2006, p. 20): “Trata-se do atendimento a uma pessoa, em todas as suas dimensões, e não, simplesmente, da atenção a uma determinada doença”.

O professor, nesse contexto, torna-se uma ponte entre frustrações, medos, desejos e ansiedades do hospitalizado, sua família e o mundo externo. Suas intervenções pedagógicas podem restabelecer a autoestima da criança, tornando-se um fator motivador para sua recuperação e para o desejo de viver.

6 Pedagogia hospitalar: os desafios da atuação do pedagogo

A Pedagogia Hospitalar é um campo de atuação ainda recente dentro da área da Educação e muitos são os desafios enfrentados pelos profissionais que atuam nesse contexto. Dentre os principais, destacam-se: a ausência de estrutura física adequada para o desenvolvimento de atividades pedagógicas nos hospitais, a necessidade de formação específica para os profissionais e a conscientização sobre a importância dessa atuação.

Educar sempre envolve desafios e constantes redescobertas. No entanto, no ambiente hospitalar, esses desafios se intensificam, pois, a luta pela aprendizagem se soma à luta contra a doença, exigindo ainda mais sensibilidade, preparo e dedicação tanto do educador quanto do educando.

6.1 O contexto hospitalar

O ambiente hospitalar, por sua natureza, pode ser percebido pela criança como um espaço frio, solitário e desestimulante, o que pode gerar sentimentos de medo, insegurança e desconexão com sua história e processo de aprendizagem. Diante disso, o pedagogo precisa ressignificar esse espaço, transformando-o em um ambiente acolhedor e propício à aprendizagem.

É fundamental criar condições para uma aprendizagem saudável, utilizando recursos lúdicos e promovendo espaços de integração do conhecimento. O uso de jogos, brincadeiras e brinquedos é essencial para o desenvolvimento da imaginação, da socialização, da confiança, da criatividade, da linguagem e da concentração. Apesar dos desafios, muitos pedagogos já desenvolvem projetos que trazem essa ludicidade para dentro do hospital, tornando o ambiente mais leve e acolhedor — por exemplo, com paredes coloridas, vestimentas vibrantes dos profissionais e espaços decorados com elementos infantis.

As brinquedotecas hospitalares são um exemplo concreto de ambiente educativo e acolhedor. Garantidas por lei (Lei n.º 11.104, de 21 de março de 2005), elas contribuem para amenizar o sofrimento e a angústia da hospitalização, além de favorecerem o processo de ensino-aprendizagem.

Outros espaços, como salas de espera, também podem ser transformados em ambientes interativos e descontraídos, com jogos pedagógicos, fantoches, murais, livros, revistas, músicas e outras atividades que promovam o aprendizado de forma leve e significativa.

6.2 A formação inicial e continuada do Pedagogo para atuar em espaços hospitalares

A atuação do pedagogo em espaços hospitalares exige uma formação que vá além da tradicional preparação voltada para o ambiente escolar regular. O contexto hospitalar apresenta especificidades que demandam do profissional não apenas domínio dos conteúdos pedagógicos, mas também sensibilidade, flexibilidade, empatia e capacidade de adaptação às condições clínicas, emocionais e sociais dos educandos.

Como destaca Rodrigues (2012, p. 88):

[...] não podemos apenas utilizar as mesmas estratégias aplicadas em sala de aula regular. Isso não é possível devido às peculiaridades do ambiente hospitalar, que exige do professor uma postura de trabalho flexível, capaz de lidar diariamente com a diversidade e de avaliar, em curto prazo, se o escolar naquele momento (independentemente de sua idade) apresenta condições físicas e psicológicas para participar das atividades pedagógicas, respeitando, assim, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo.

A formação inicial do pedagogo, em geral, ainda está centrada na atuação em instituições escolares convencionais, com foco na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Pedagogia reconheçam a possibilidade de atuação em espaços não escolares, como hospitais, empresas e ONGs, essa dimensão ainda é pouco explorada nos currículos das instituições formadoras.

Para que os profissionais estejam aptos a atuar em ambientes hospitalares, é necessário que a formação inicial contemple conteúdos relacionados à saúde, humanização, psicologia hospitalar, educação inclusiva, legislação específica e metodologias adaptadas. Além disso, é fundamental que o pedagogo desenvolva competências para o trabalho interdisciplinar e para o diálogo com equipes multiprofissionais, como médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais.

A formação continuada, por sua vez, torna-se essencial para que o profissional possa se atualizar, refletir sobre sua prática e aprofundar conhecimentos específicos da Pedagogia Hospitalar. Cursos de especialização, oficinas, seminários e grupos de estudo são estratégias

que contribuem para o aprimoramento da atuação pedagógica nesse contexto. Algumas universidades já oferecem pós-graduações voltadas para a Pedagogia Hospitalar, embora essa formação ainda não seja exigência legal para o exercício da função.

Segundo o Ministério da Educação: “O professor deverá ter formação pedagógica, preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas [...]” (Brasil, 2002, p. 22).

Contudo, como apontam Matos e Mugiatti (2006), a construção da prática pedagógica hospitalar não pode se limitar aos moldes tradicionais. Muitas dificuldades persistem justamente por não se enxergar nelas a oportunidade de uma atuação diferenciada. É necessário permitir que a criança explore o mundo e sua realidade, mesmo dentro do contexto hospitalar. Como destacam as autoras: “Trata-se do atendimento a uma pessoa, em todas as suas dimensões, e não, simplesmente, da atenção a uma determinada doença” (Matos; Mugiatti, 2006, p. 20).

A atuação pedagógica hospitalar exige que o profissional tenha clareza sobre seu papel, compreendendo que sua função vai além da transmissão de conteúdo. O pedagogo deve ser um mediador de experiências, um facilitador da aprendizagem e um agente de humanização. Para isso, é necessário conhecer e dialogar com todos os envolvidos no processo de recuperação da criança ou adolescente — família, equipe médica, equipe de enfermagem, serviço social, entre outros —, a fim de garantir um atendimento integral e respeitoso.

Como afirma Loss, (2014, p. 59) “Necessitamos de um paradigma que institua as interconexões entre as áreas do conhecimento: na perspectiva da Educação e da Saúde, cada qual em sua especificidade, no tocante ao cuidar do ser humano”.

Portanto, a formação do pedagogo para atuar em espaços hospitalares deve ser pensada como um processo contínuo, que articule teoria e prática, educação e saúde, conhecimento técnico e sensibilidade humana. Somente assim será possível garantir uma atuação pedagógica que respeite as singularidades dos educandos hospitalizados e contribua efetivamente para seu desenvolvimento integral, mesmo em situações de vulnerabilidade.

6.3 Aspectos legais e normativos da Pedagogia Hospitalar

A atuação do pedagogo em ambientes hospitalares é respaldada por um conjunto de legislações que garantem o direito à educação em qualquer circunstância, inclusive durante períodos de internação. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, estabelece que a

educação é direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida com vistas ao pleno desenvolvimento da pessoa.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) n.º 9.394/96 reforça esse princípio ao prever, no artigo 4º, o atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, inclusive em ambientes hospitalares.

Outro marco importante é a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) n.º 13.146/2015, que assegura o direito à educação inclusiva em todos os níveis e modalidades, com adaptações razoáveis e apoio necessário para garantir a efetiva aprendizagem e participação dos estudantes com deficiência.

No campo específico da educação hospitalar, destaca-se a Resolução n.º 41/1995 do CONANDA, que trata dos direitos da criança e do adolescente hospitalizados, incluindo o direito à continuidade da escolarização durante o período de internação. Essa resolução reforça a importância da presença de profissionais da educação nos hospitais, garantindo que o processo de ensino-aprendizagem não seja interrompido.

Além das normativas nacionais, há regulamentações estaduais e municipais que fortalecem esse direito. No estado do Paraná, por exemplo, a Resolução SEED n.º 2527/2007 institui o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH), garantindo o atendimento pedagógico domiciliar e hospitalar aos estudantes impossibilitados de frequentar a escola regular.

Esses dispositivos legais evidenciam que a atuação do pedagogo em ambientes hospitalares não é apenas uma prática educativa, mas uma ação respaldada por leis que asseguram o direito à educação em qualquer circunstância. A compreensão e aplicação desses marcos legais são fundamentais para que o trabalho pedagógico hospitalar seja efetivo, ético e inclusivo.

6 Considerações finais

Por meio deste estudo, diversos aspectos foram analisados, permitindo observar que há uma grande diferença entre os ambientes escolar e hospitalar. Por isso, o papel e as propostas do pedagogo também precisam ser adaptados a essas realidades distintas.

A escola tem como foco principal a aprendizagem, o desenvolvimento do senso crítico e a formação de sujeitos capazes de transformar e intervir positivamente na sociedade. Já o hospital apresenta uma realidade completamente diferente: nele encontram-se crianças em

situação de vulnerabilidade, que, em decorrência de enfermidades, são privadas do convívio social, das rotinas escolares e, muitas vezes, até mesmo do contato familiar. Essa ruptura pode afetar significativamente o aspecto psicológico e emocional da criança.

Contudo, quando há um trabalho colaborativo entre a equipe hospitalar, a família, os pedagogos e demais profissionais envolvidos, é possível minimizar esses danos e contribuir para o restabelecimento da saúde da criança.

Fica evidente que o pedagogo enfrenta desafios distintos daqueles encontrados no ambiente escolar. No hospital, seu foco não está apenas na aprendizagem ou na formação cidadã, mas na continuidade do processo de ensino-aprendizagem, mesmo diante das limitações impostas pela hospitalização. Seu papel é levar ao hospital um pouco daquilo que a criança, naquele momento, não pode acessar: o ambiente escolar, o convívio com colegas e a rotina de estudos.

O pedagogo deve proporcionar um ambiente harmonioso, que supra a necessidade de convivência familiar e escolar, oferecendo suporte emocional e pedagógico. Assim, quando a criança retornar ao seu convívio habitual, poderá fazê-lo sem sentir que ficou para trás ou que perdeu o vínculo com a escola, evitando a desmotivação ou o desinteresse pelos estudos.

Para atuar em hospitais, o pedagogo precisa ter uma visão ampliada e diferenciada de sua prática. Deve ser capaz de transitar entre duas realidades — a social e a hospitalar —, o que exige uma atuação **multi/inter/transdisciplinar**, com propostas lúdicas, criativas e comprometidas, que promovam a integração entre esses dois mundos e possibilitem um trabalho pedagógico verdadeiramente transformador.

Trata-se de uma tarefa desafiadora, que exige constante pesquisa e atualização, especialmente por se tratar de um campo ainda em consolidação. No entanto, é também uma atuação profundamente gratificante, pois rompe com as barreiras do ensino tradicional e abre caminhos para a construção de uma educação mais inclusiva, sensível e humanizada.

Referências

ALMEIDA, A. R. S. A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 1997.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Resolução n.º 41, de 13 de outubro de 1995**. Dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Brasília, DF: CONANDA, 1995. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/6035>. Acesso em: 4 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP n.º 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. [**Constituição (1988)**]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 4 fev. 2026.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 4 fev. 2026.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 4 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALVÃO, M. C. B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. 2011. Disponível em: <http://www2.eerp.usp.br/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LACERDA, F. B. *et al.* **O educador na classe hospitalar e seus contextos**. Belém, PA: UEPA, 2015.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Curitiba: Editora UFPR, 2001.

LOSS, A. S. **Para onde vai a pedagogia?: os desafios da atuação profissional na pedagogia hospitalar**. Curitiba: Appris, 2014.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

RODRIGUES, K. G. **Pedagogia hospitalar: a formação do professor para atuar em contexto hospitalar**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/tede/karinarodrigues10ok.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SANTOS, A. C. P.; BONDI, K. **A importância da afetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança inserida na educação infantil.** Espírito Santo: Cariacica, [s.d.].

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Resolução n.º 2527**, de 20 de agosto de 2007. Institui o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar – SAREH. Curitiba: SEED, 2007.

VERDI, C. **A importância da literatura infantil no hospital.** *In:* MATOS, E. L. M. (Org.). *Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Data de submissão: 15/10/2025

Data de aceite: 14/11/2025